

**"SEM ALMA E SEM NOME:
REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DE CORPOS ESCRAVIZADOS
EM ANÚNCIOS NO SÉCULO XIX"¹**

Emilly Maria Oliveira dos Santos ²

Orientador: Dr. Cleber Alves de Ataíde³

RESUMO: O estudo analisa anúncios de escravizados publicados no *Diário de Pernambuco* entre 1825 e 1845, disponibilizados pela equipe pernambucana do projeto Nacional Para a História do Português Brasileiro. O objetivo central é descrever os mecanismos linguísticos do gênero anúncio que reforçam práticas racializadas e legitimam a lógica escravista da época. A pesquisa adota metodologia qualitativa, estruturando-se como análise documental. O percurso metodológico incluiu o levantamento e organização dos anúncios com seus dados contextuais, a identificação de construções impessoais e do léxico avaliativo e, por fim, a interpretação desses elementos em relação à ideologia escravista vigente. Essas análises evidenciam dois processos que atuam de forma paralela e interligada: a mercantilização e a desumanização do corpo negro. A mercantilização se expressa em enunciados impessoais como *vende-se*, *à venda* e *oferta-se*, que apagam a agência dos sujeitos e os inserem no circuito mercantil, enquanto o léxico, centrado em atributos físicos e habilidades, constrói valor de mercado. Esse enquadramento, por sua vez, contribui para a desumanização, visível em verbos como *perdeu-se*, *procura-se* e *foge-se*, que associam os escravizados à categoria de objeto passível de perda ou recuperação. As descrições, restritas a marcas corporais, vestimentas ou funções, fragmentam identidades e reforçam esse processo de apagamento da subjetividade. Compreender tais ocorrências permite revelar como escolhas linguísticas reproduzem o racismo estrutural, cujos efeitos persistem, reforçando a relevância de estudos que articulam língua, história e poder.

Palavras-chave: Escravidão; Anúncios de Jornal; Língua e Relações de Poder; Racismo Estrutural; Racismo Linguístico.

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em Letras Português, vinculado ao Departamento de Letras, do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, com orientação do Prof. Dr. Cleber Alves de Ataíde

² Licencianda em Letras Português pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

³ Professor Associado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

ABSTRACT: This study analyzes advertisements of enslaved people published in the *Diário de Pernambuco* between 1825 and 1845, made available by the Pernambuco team of the National Project for the History of Brazilian Portuguese. Its main objective is to describe the linguistic mechanisms of the advertisement genre that reinforce racialized practices and legitimize the slaveholding logic of the period. The research follows a qualitative approach and is structured as a documentary analysis. The methodological process included the collection and organization of advertisements with their contextual data, the identification of impersonal constructions and evaluative lexicon, and the interpretation of these elements in relation to the prevailing slaveholding ideology. The analysis highlights two parallel and interconnected processes: the commodification and dehumanization of Black bodies. Commodification appears in impersonal expressions such as *for sale*, *available*, and *offered*, which erase the agency of individuals and place them in the commercial circuit, while the lexicon, focused on physical attributes and skills, constructs market value. This framework, in turn, contributes to dehumanization, evident in verbs such as *lost*, *searched for*, and *escaped*, which associate enslaved individuals with objects subject to loss or recovery. Descriptions limited to bodily marks, clothing, or functions fragment identities and reinforce this process of erasing subjectivity. Understanding these occurrences reveals how linguistic choices reproduce structural racism, whose effects persist, emphasizing the relevance of studies linking language, history, and power.

Keywords: Slavery; Newspaper Advertisements; Language and Power Relations; Structural Racism; Linguistic Racism.

INTRODUÇÃO

A escravização no Brasil do século XIX foi sustentada não apenas por estruturas econômicas e jurídicas, mas também por discursos que operavam na naturalização da exploração e da subordinação de pessoas negras. Entre esses discursos, os anúncios publicados em jornais, que circulavam amplamente nas cidades, exerciam um papel central na manutenção da ordem escravocrata. Longe de serem meros registros comerciais ou informativos, esses textos se configuram como práticas discursivas que traduzem, reforçam e legitimam as relações de poder e dominação. Inseridos em um contexto de intensa circulação de informações e bens, os jornais funcionavam como uma vitrine da sociedade escravista, e seus anúncios revelam a agência de sujeitos históricos que, por meio da linguagem, mercantilizavam corpos e vidas.

Nesse contexto, nos anúncios de pessoas escravizadas em periódicos impressos, observa-se um padrão linguístico recorrente, presente em diferentes finalidades como venda, oferta ou captura. Embora variem em propósito, esses textos compartilham uma organização na apresentação das informações, caracterizada pela seleção e ordenação de dados como idade, habilidades, condições físicas e sinais corporais específicos. O que a princípio poderia parecer um registro meramente descritivo, na verdade, se revela como um instrumento de racismo linguístico, uma vez que os mecanismos de linguagem empregados servem para reforçar a objetificação e a hierarquia racial. A linguagem, nesse sentido, não é apenas um espelho do sistema escravista, mas uma ferramenta ativa na sua reprodução, moldando a percepção dos indivíduos como mercadorias.

Por meio de escolhas lexicais, sintáticas e semânticas, esses textos não apenas descrevem, mas enquadram pessoas escravizadas em categorias que lhes reduzem a humanidade e reforçam sua condição de propriedade. Nesse processo, mecanismos como a adjetivação e a seleção lexical assumem um papel central. A adjetivação, por exemplo, qualifica a pessoa escravizada com atributos utilitários (“forte”, “hábil”), reduzindo-a a uma mercadoria, enquanto a seleção lexical opera na escolha de substantivos que a objetificam (“peça”, “negro”), despojando-a de sua individualidade. Tais recursos são dispositivos simbólicos de poder que, carregados de ideologia⁴, moldam percepções e naturalizam desigualdades. Eles transformam a própria linguagem em um veículo de reprodução de sentidos socialmente construídos e historicamente determinados. A análise desses

⁴ Entendemos a ideologia, neste trabalho, como um sistema de crenças e representações que, materializado no discurso, contribui para a constituição, manutenção e reprodução de relações de poder e dominação em uma sociedade.

mecanismos revela a complexidade da opressão, que se manifesta não apenas em atos de violência, mas também na sutileza das palavras.

Partindo dessa perspectiva, o objetivo geral deste estudo é analisar os mecanismos linguísticos presentes no gênero textual anúncio de pessoas escravizadas, compreendendo-os como marcas que condensam práticas históricas e posicionamentos ideológicos próprios de seu contexto. Esta pesquisa se ancora na premissa de que a língua é uma prática social situada, atravessada por forças históricas e ideológicas. Ela dialoga diretamente com as reflexões de Almeida (2019) acerca do racismo estrutural, cuja compreensão é fundamental para interpretar como determinadas formas linguísticas, mesmo em enunciados de caráter aparentemente utilitário, operaram na manutenção de estruturas de desigualdade até o final do século XIX. A análise proposta não busca desvelar um significado oculto nos anúncios, mas sim explicitar como a linguagem, em sua aparente transparência, atuou como uma engrenagem na lógica da escravização e na produção de desigualdade racial. A relevância desta investigação reside, portanto, em sua capacidade de revelar a atuação do racismo por meio de dispositivos linguísticos que operavam silenciosamente na legitimação da violência.

O corpus desta pesquisa é composto por anúncios de pessoas escravizadas publicados no Diário de Pernambuco entre 1825 e 1845, organizados a partir do acervo compilado pela equipe pernambucana do projeto nacional Para a História do Português Brasileiro (PHPB). A justificativa para a escolha desse material se sustenta na relevância histórica e social dos anúncios, que permitem examinar de forma articulada elementos linguísticos e contextuais de um período marcado pela institucionalização da escravização. Embora haja estudos significativos sobre a escravização e seus registros documentais, observa-se que análises sistemáticas dos mecanismos linguísticos presentes nesse gênero textual ainda são menos frequentes, o que reforça a pertinência da investigação proposta. O interesse em investigar o fenômeno advém do reconhecimento de que esses textos, para além de seu valor histórico, configuram um espaço privilegiado para observar como a língua registra, reflete e perpetua as hierarquias sociais do período escravocrata.

Ademais, embora existam estudos que investigam a relação entre linguagem e categorização social em diferentes contextos, ainda é reduzido o número de pesquisas que se concentram especificamente em gêneros históricos do português brasileiro, com atenção voltada para os mecanismos linguísticos utilizados na caracterização de indivíduos. Nesse sentido, a análise dos anúncios envolvendo pessoas escravizadas proposta neste trabalho se insere nesse movimento de estudos, contribuindo para o avanço das investigações linguísticas voltadas para textos históricos e fornecendo elementos que permitam compreender não apenas

o funcionamento linguístico do gênero, mas também seu papel na produção e circulação de sentidos socialmente situados.

O artigo organiza-se em quatro seções principais. Na seção O que os anúncios têm a nos dizer? São discutidas as abordagens anteriores, posicionando a presente pesquisa em relação a elas. Em seguida, nos Pressupostos Teóricos, fundamenta-se a análise na linguística de textos históricos articulada à perspectiva crítica dos estudos da linguagem, compreendendo a língua como prática social situada, atravessada por forças históricas e ideológicas. A seção Passos metodológicos e procedimentos de análise detalha a metodologia de pesquisa. Por fim, em Mercantilização e desumanização do corpo negro nos anúncios do século XIX são apresentados e analisados os anúncios do Diário de Pernambuco, identificando as regularidades linguísticas que operam na mercantilização e na desumanização do corpo negro. Nas Considerações Finais, são retomados os resultados para evidenciar como tais práticas linguísticas não apenas refletiam, mas também reforçaram a lógica escravocrata, cujos efeitos ainda se projetam na contemporaneidade.

1. ESTADO DA ARTE: ANÚNCIOS, LINGUAGEM E A ESCRAVIZAÇÃO

A relação entre linguagem e categorização social tem sido um tema central em diversas vertentes da linguística, especialmente ao se examinar como as práticas linguísticas refletem, sustentam e reconfiguram hierarquias sociais. No contexto da escravidão no Brasil do século XIX, a análise de documentos históricos, como os anúncios em jornais, revela a construção de representações e estereótipos raciais que eram fundamentais para a manutenção da ordem social. Inúmeros estudos têm reconhecido a importância desses documentos como registros que articulam práticas discursivas e sociais. No entanto, a maioria dessas análises tem priorizado o caráter histórico e descritivo do gênero, sem aprofundar-se nos mecanismos linguísticos que operam o racismo estrutural, o que constitui a lacuna que esta pesquisa busca preencher.

Estudos como os de Amantino (2006), Inácio (2012) e Dias (2013) trouxeram contribuições essenciais para o campo, evidenciando como os anúncios de escravizados funcionavam como documentos de controle social e vigilância. Amantino (2006), por exemplo, analisou anúncios de fugitivos para identificar padrões de descrição que traçavam perfis dos cativos para facilitar a recaptura. De maneira similar, Inácio (2012) e Dias (2013) destacaram o papel desses registros na construção de uma memória sociodiscursiva que naturalizava a ordem escravocrata e as desigualdades do período. Embora essas pesquisas sejam fundamentais para a compreensão do gênero e de sua função social, elas não se dedicam à análise sistemática dos dispositivos de linguagem que, de maneira sutil e naturalizada, sustentam o racismo,⁵ sendo este o foco principal da presente investigação.

Nesse sentido, este trabalho se alinha mais diretamente com a abordagem de Bastos (2017), que investigou como os anúncios evidenciam processos de objetificação e desumanização da população negra. Em sua tese de doutorado, Bastos voltou-se para a caracterização das tradições discursivas do gênero, destacando as formas e estruturas recorrentes que se mantiveram ao longo do tempo. Sua análise, embora não restrita a um inventário de itens lexicais ou a um mapeamento de estruturas gramaticais, abriu um caminho importante para a compreensão de como as escolhas linguísticas se imbricam em relações de poder. A relevância da presente pesquisa é reforçada pela observação de que, desde o trabalho de Bastos em 2016, o tema não tem recebido grande atenção em estudos locais no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o que justifica

⁵ A naturalização de desigualdades refere-se ao processo pelo qual disparidades sociais, econômicas ou raciais passam a ser percebidas como naturais, inevitáveis ou normais, sendo incorporadas ao senso comum e às práticas cotidianas. Esse processo encobre sua origem histórica e social, ocultando mecanismos de poder que as produzem e reproduzem (Almeida, 2019; Ribeiro, 2019).

a pertinência desta investigação em preencher essa lacuna acadêmica.

À luz desse panorama, a presente investigação propõe avançar para além da caracterização formal do gênero, direcionando a análise para as escolhas linguísticas enquanto mecanismos de reprodução do racismo estrutural. Diferente das abordagens anteriores, este trabalho se distingue por uma análise que articula o contexto de produção dos anúncios com uma lente crítica sobre o racismo linguístico. Busca-se, assim, oferecer uma perspectiva que, ao mesmo tempo em que dialoga com as pesquisas existentes, amplia o foco para a articulação detalhada entre discurso, ideologia e desigualdade racial, revelando como a linguagem funcionou como uma engrenagem na lógica da escravização.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para fundamentar a análise, este trabalho ancora-se na premissa de que a língua é uma prática social atravessada por forças históricas e ideológicas, conforme as reflexões de Ribeiro (2019) e Almeida (2019). Embora esses autores abordem o racismo no contexto da sociedade contemporânea, sua compreensão do racismo como um fenômeno estrutural e sistêmico é fundamental para esta pesquisa. Essa abordagem permite estabelecer conexões entre a estrutura linguística e a organização social, compreendendo que cada escolha linguística expressa simultaneamente aspectos estruturais da língua e valores compartilhados por uma comunidade. Assim, ao focalizar o estudo no funcionamento real da linguagem, buscamos compreender como determinadas construções se estabilizam no uso e se tornam marcas de uma prática discursiva.

Neste trabalho, também dialogamos com a visão de Marcuschi (2008) sobre gêneros textuais. O autor entende que as formas linguísticas não aparecem isoladas, mas organizadas segundo convenções próprias de cada gênero, as quais são moldadas pelas necessidades comunicativas e pelo contexto social de produção. Aplicar essa abordagem aos anúncios de escravizados é fundamental, pois permite examinar como padrões linguísticos se repetem dentro de um gênero historicamente situado, revelando regularidades estruturais que caracterizam seu formato e sua função. Essa combinação de análise nos fornece uma base para identificar e compreender as escolhas linguísticas no corpus desta pesquisa, sem perder de vista a forma como tais escolhas se consolidam no período estudado.

Essa concepção é fortalecida quando articulada a uma perspectiva crítica que concebe a linguagem como prática social situada e condicionada historicamente. Nessa linha, concorda-se com Ribeiro (2019) e Almeida (2019), para quem o racismo não se restringe a manifestações individuais, mas se inscreve nas estruturas que organizam a vida social. Esse

enquadramento permite compreender que a língua, ao ser usada em contextos concretos, não está isenta das forças ideológicas que permeiam as relações humanas, e que suas formas e funções podem refletir e sustentar padrões de desigualdade. Assim, a análise linguística ganha uma dimensão política e histórica, pois se debruça sobre textos que materializam, por meio de recursos discursivos, visões de mundo alinhadas a sistemas de dominação racial.

O racismo estrutural apresenta-se como um fenômeno persistente e adaptativo, capaz de se reconfigurar em diferentes contextos sociais. A linguagem atua como veículo privilegiado para a reprodução dessas hierarquias, naturalizando-as através de escolhas lexicais, metáforas e estruturas sintáticas que reforçam a inferiorização. No caso específico dos anúncios de escravizados, essa função se revela na objetificação dos indivíduos, na omissão de sua agência e na padronização de descrições físicas como atributos de mercadorias.

Consideramos, portanto, que os anúncios históricos analisados não apenas descrevem realidades, mas contribuem ativamente para constituí-las. As formas linguísticas registradas nesses textos, especialmente construções impessoais como "vende-se", "procura-se", "perdeu-se" e "foge-se", funcionam como índices sociais que deslocam sujeitos para a categoria de mercadorias. Nesse processo, a estrutura gramatical, as escolhas lexicais e a organização informacional operam como mecanismos de reificação, transformando corpos negros em bens móveis e integrando-os à lógica econômica da escravidão. A frequência e a regularidade de uso de tais construções revelam que a impessoalidade não é um recurso estilístico ocasional, mas um traço recorrente do gênero textual do anúncio e da própria ideologia escravista.

A interseção entre a análise de textos na perspectiva histórica e crítica, conforme Ribeiro (2019) e Almeida (2019), é entendida aqui como a abordagem que concebe a linguagem como prática social situada, moldada por forças históricas e atravessada por relações de poder. Enquanto o enquadramento histórico fornece instrumentos para observar regularidades linguísticas em um período específico, a análise crítica permite interpretar essas regularidades à luz de processos históricos e ideológicos, articulando descrição linguística e análise social.

Para proceder às análises, recorreremos ao estudo das estratégias discursivas que os anúncios utilizavam para negociar a relação entre o anunciante e o “consumidor”. Essas estratégias não só buscavam persuadir, mas também reforçaram a lógica de mercado e a desumanização, ao representar os indivíduos escravizados como mercadorias. A análise dessas estratégias evidencia dois tipos de anúncio para pessoas escravizadas: anúncios de

mercantilização e desumanização do corpo negro. Assim, a relação entre análise linguística e contexto histórico se revela essencial para compreender o impacto social desses discursos.

3. PASSOS METODOLÓGICOS

A análise aqui proposta considera a linguagem não só como um sistema dinâmico, capaz de se adaptar e transformar, mas também como um espaço de conservação de padrões que perpetuam desigualdades. Nos anúncios de escravizados, o padrão impessoal e objetificante cumpre justamente esse papel: cristaliza-se como norma, reforça a ideologia dominante e naturaliza a mercantilização e a desumanização de pessoas negras. Ao iluminar esses mecanismos, a pesquisa não apenas descreve um fenômeno linguístico do passado, mas contribui para compreender como o racismo se inscreve materialmente na língua, permanecendo ativo na memória social e influenciando formas contemporâneas de interação.

Metodologicamente, a investigação se estrutura em etapas articuladas, que visam integrar a descrição linguística à interpretação sociocultural:

- I) Levantamento e organização do *corpus*, com registro de dados contextuais (data, local e características do documento);
- II) Identificação de formas e construções linguísticas recorrentes nos anúncios;
- III) Agrupamento das ocorrências nas categorias *desumanização* e *mercadoria*;
- IV) Análise da frequência e distribuição dos anúncios por categorias de mercantilização e desumanização;
- V) Correlação entre os usos identificados e a lógica de reprodução do racismo.

Cada etapa é concebida de forma articulada, permitindo que a descrição linguística e a análise social se retroalimentam. Isso significa que os resultados obtidos nas fases iniciais, como o mapeamento das formas recorrentes, são continuamente revisados à medida que se aprofunda a interpretação sociocultural. Dessa forma, evita-se uma abordagem fragmentada e garante-se que as análises parciais dialoguem com a compreensão global do fenômeno.

Ao adotar essa perspectiva, compreende-se que a investigação da relação entre gramática e uso, no contexto específico do *corpus* analisado, atinge seu potencial interpretativo apenas quando se considera o entrelaçamento indissociável entre estrutura linguística, função social e ideologia. A análise das formas verbais, das escolhas lexicais e dos padrões sintáticos não pode ser desvinculada das condições históricas que as motivaram, uma vez que, conforme observa Marcuschi (2008), a língua deve ser compreendida como uma prática social historicamente situada, que não existe de forma isolada, mas está integrada a

processos que contribuem para sustentar e reproduzir determinadas formas de organização da sociedade. No caso dos anúncios de pessoas escravizadas, essa articulação é particularmente evidente. As estruturas impessoais, as descrições físicas e a categorização funcional dos indivíduos operam como mecanismos linguísticos que materializam e legitimam a lógica da mercantilização da vida humana.

Assim, a linguagem é aqui concebida como uma prática social dinâmica, em constante interação com as forças históricas, sociais e políticas que a moldam, refletindo e refratando as condições de vida das pessoas e de seu tempo, e sendo simultaneamente produto e meio de produção de realidades. Conforme aponta Bakhtin (2000), as formas linguísticas não existem isoladas, mas integram um conjunto de possibilidades que os falantes mobilizam em situações concretas de interação, de modo que seu uso pode tanto reproduzir quanto tensionar padrões ideológicos. O *corpus* analisado revela que, ao longo do período estudado, determinadas construções linguísticas tornaram-se recorrentes justamente porque atendiam às necessidades comunicativas e comerciais de um sistema escravista, naturalizando relações de dominação racial.

3.1. MERCANTILIZAÇÃO E DESUMANIZAÇÃO DO CORPO NEGRO NOS ANÚNCIOS DO SÉCULO XIX

O *corpus* analisado compõe-se de **25 anúncios** de pessoas escravizadas publicados na imprensa pernambucana entre 1825 e 1845. O material provém do acervo da equipe pernambucana do Projeto Nacional do PHPB. A seleção contempla registros publicados principalmente no *Diário de Pernambuco*, dispostos cronologicamente e classificados em duas categorias analíticas: **mercantilização do corpo negro** e **desumanização do corpo negro**. Vale destacar que esses anúncios são um recorte temporal de um período de intensas tensões políticas e sociais em Pernambuco. Após a Confederação do Equador (1824), o Estado experimentou uma conjuntura de instabilidade econômica, agravada por crises agrícolas, oscilações comerciais e conflitos internos. Nesse contexto, Recife, como centro urbano de importância estratégica, tornou-se palco de agitações populares e disputas de poder, o que evidenciou ainda mais a dependência da escravidão como pilar econômico e organizador da vida social. Nesse contexto, a presença constante de anúncios de venda, fuga ou procura de pessoas escravizadas nas páginas do *Diário de Pernambuco* não apenas cumpria uma função mercantil, mas também reiterava, dia após dia, a naturalização da desigualdade social e racial.

Mais do que simples registros comerciais, cada publicação analisada integrava um

processo mais amplo de naturalização da escravidão, no qual a presença de pessoas negras como mercadorias se tornava corriqueira e inquestionável aos olhos do público leitor. Esses textos operam como poderosos instrumentos de circulação de valores e ideologias, moldando percepções e reforçando estruturas sociais. O exemplo (01) a seguir ilustra a maneira como a escravidão era naturalizada na imprensa pernambucana.

Exemplo (01):

*Vendas || Huma negra de Nação Angola idade | 20 a 21 que sabe cosinhar, e lavar; em-|
gomar, e cozer, e tambem entende de | padaria quem a quizer comprar dirija-se a Typ. |
desta folha que lhe dirá quem a vende. [O Cruzeiro, 11 de maio de 1829.*

Exemplo(02):

*Vende-se um escravo peça, de 20 an- | nos: na rua do Crespo, loja da esquina que | volta
para cadeia*

As escolhas linguísticas observadas no anúncio (02), como o uso de construções impessoais, a padronização de descrições físicas ou a ênfase em aspectos funcionais das pessoas negras contribuem para consolidar um enquadramento social que vinculava a identidade negra a posições subalternas. A partir desse entendimento, o *corpus* analisado não deve ser visto apenas como um conjunto de documentos históricos ou vestígios de um passado encerrado. Pelo contrário, ele se configura como um registro vivo de práticas linguísticas carregadas de significados sociais e políticos, capazes de revelar as engrenagens discursivas que sustentaram e, em muitos aspectos, ainda sustentam, desigualdades raciais no Brasil.

3.2.1. MERCANTILIZAÇÃO DO CORPO NEGRO

Ao identificar padrões de uso e relacioná-los ao contexto histórico-social, observa-se que muitos dos anúncios veiculados na imprensa pernambucana contribuía para moldar representações do corpo negro como objeto de transação mercantil.. Nesses textos, os verbos são escolhidos a partir do campo semântico da relação comercial, como em *vender, flertar e comprar*, que aparecem de forma recorrente. Tais construções configuram um enquadramento discursivo da impessoalidade, no qual o agente, o proprietário, é apagado, e a pessoa escravizada é indexada como mercadoria.

Além disso, a adjetivação empregada nesses anúncios reforça esse enquadramento, funcionando como suposta descrição de qualidades do “produto” a ser anunciado. Termos que destacam atributos físicos, habilidades ou condições corporais operam como marcadores de

valor, destinados a sustentar a equivalência simbólica entre corpo negro e bem comercializável. Assim, a linguagem nesses anúncios não apenas descreve, mas também naturaliza a lógica mercantil que permeia a ordem escravista da época. O quadro a seguir apresenta uma síntese dos anúncios classificados a partir da prática discursiva de mercantilização.

Quadro 1: mecanismos linguísticos de mercantilização do corpo negro

Mecanismos linguísticos de mercantilização	quantidade	Exemplos:
Categoria verbal	04	<i>“Vende-se escravo jovem” (Anúncio 03); “Escravo à venda” (Anúncio 04); “Vende-se escrava de 25 anos” (Anúncio 06); “Oferta-se escravo robusto” (Anúncio 07)</i>
Construções de impessoalidade	03	<i>“Vende-se” (Anúncios 03 e 06); “Oferta-se” (Anúncio 07)</i>
Adjetivação	06	<i>“boa aparência, forte, saudável” (Anúncio 03); “forte, trabalhador, habilidades para diversos serviços” (Anúncio 04); “bem valorizado, indispensável” (Anúncio 05); “excelente cozinheira e lavadeira” (Anúncio 06); “robusto, bom trato com crianças e animais” (Anúncio 07)</i>

Fonte: elaborado pela autora

Do total de anúncios realizados, selecionamos 13 anúncios para ilustrar como os mecanismos linguísticos (adjetivação, escolhas verbais e expressões de impessoalidade) são empregados na representação de pessoas escravizadas. A escolha desses exemplares foi motivada pela sua relevância para evidenciar como a linguagem atuava na naturalização de relações de poder e na mercantilização de corpos negros. Neles, é possível observar com nitidez a articulação entre escolhas lexicais, estruturas que não apenas descrevem, mas também sustentam a lógica econômica e racial vigente no período. Vejamos o anúncio 03:

(03):

“Vende-se escravo jovem, boa aparência, idade aproximada 20 anos, forte e saudável, ideal para trabalho rural” (DP, 02/09/127).

No anúncio 03, a forma verbal impessoal “vende-se” e a numeração de atributos físicos (boa aparência, forte, saudável) constroem valor de mercado da pessoa negra de forma análoga à descrição de gado ou imóveis, naturalizando a redução do indivíduo a “produto” e apagando sua dimensão subjetiva, isto é, a sua condição de pessoa com história, afetos e agência social. Ao restringir a descrição do sujeito escravizado a critérios de utilidade econômica e atributos físicos, o anúncio reforça uma lógica em que a humanidade da pessoa negra é invisibilizada, enquanto seu corpo é objetificado como bem transacionável. Essa representação, reiterada pela imprensa e cristalizada no gênero da época, contribui para a perpetuação de um imaginário social que associa a população negra a funções subalternas, excluindo-a simbolicamente da plena condição de cidadania. Essa mesma análise também pode ser feita ao anúncio 04:

(04):

“Escravo à venda, forte e trabalhador, com habilidades para diversos serviços”, Diário de Pernambuco, 15/05/1832.

Observamos a presença de qualificadores que ressaltam a funcionalidade do indivíduo: *forte, trabalhador e habilidades para diversos serviços*. Esses termos operam como indicadores de valor econômico, pois reduzem a pessoa à condição de capital humano, útil e adaptável às múltiplas demandas produtivas da sociedade escravista. A construção sintática, direta e desprovida de modalização, reforça essa objetividade mercantil, apagando qualquer dimensão subjetiva e limitando o enunciado a parâmetros de compra e venda. Nesse caso, adjetivos voltados à força e à funcionalidade revelam um padrão recorrente no gênero anúncio, em que a linguagem cumpre papel de legitimação das hierarquias raciais e econômicas do período. O anúncio (05) evidencia como o léxico mobilizado torna explícita a lógica mercantil que permeia o discurso da escravidão.

(05):

[...] Bem valorizado escravo para trabalho doméstico, jovem e indispensável, Diário de Pernambuco, 10/02/1840.

A expressão “bem valorizado” insere o indivíduo no campo semântico da economia,

aproximando-o de mercadorias que adquirem preço e valor de acordo com a demanda do mercado. Já o adjetivo “indispensável” projeta sobre o escravizado um estatuto de utilidade plena, vinculando sua existência ao atendimento de necessidades funcionais da casa senhorial. Nesse processo, o corpo negro é discursivamente enquadrado como recurso produtivo, cuja legitimidade é definida pela sua capacidade de servir.

No anúncio (06), a dupla qualificação apresentada (cozinheira / lavadeira) opera como um verdadeiro “pacote de serviços”, que amplia a atratividade comercial da oferta.

(06):

Vende-se escrava de 25 anos, excelente cozinheira e lavadeira.” Diário de Pernambuco, 22/08/1845.

A escolha por destacar múltiplas habilidades não se limita a informar, mas atua como estratégia de valoração, aproximando a descrição do campo da propaganda mercantil, em que se acumulam atributos para maximizar o interesse do comprador. Além disso, a repetição da forma verbal impessoal *vende-se* reafirma a lógica de mercado, afastando qualquer traço de agência da pessoa anunciada.

O anúncio exemplificado em (07) torna evidente que os recursos de impessoalidade e a multiplicação de qualificações não são escolhas inocentes, mas recursos discursivos que reforçam a lógica escravista de objetificação.

(07):

Oferta-se escravo robusto, conhecido pelo bom trato com crianças e animais.” O Cruzeiro, 11/05/1829.

O termo “bom trato” se torna capital simbólico, agregado à robustez física como critério de valorização no mercado escravista. O enunciado, assim, não só reforça a mercantilização do corpo, mas também a da própria dimensão afetiva, transformada em argumento de venda. Nesse sentido, a atribuição de docilidade e bom trato ao escravizado não reconhece sua humanidade, mas reafirma um imaginário social que o naturaliza como sujeito domesticado, apto a servir tanto no espaço doméstico quanto na lida com animais, em uma clara intersecção entre animalização e subalternização.

Como observa Munanga (2004), esses exemplos mostram como o racismo opera pela redução da diversidade das experiências humanas a estereótipos utilitários, que enquadram indivíduos negros em papéis rigidamente definidos e subordinados.

Como vimos até aqui, nos anúncios do século XIX, observamos que o corpo da pessoa negra era sistematicamente objetificado e mercantilizado, sobretudo por meio de recursos linguísticos recorrentes. Verbos associados ao campo semântico da compra e venda, como *vende-se*, *compra-se* ou *oferta-se*, inscrevem esses enunciados no universo do comércio, deslocando o foco do agente para o produto e reduzindo o indivíduo à condição de mercadoria. As construções impessoais e passivas reforçam esse apagamento da subjetividade, enquanto a adjetivação valorativa (“forte”, “saudável”, “boa aparência”) opera como estratégia de atribuição de qualidades mercadológicas, análoga à descrição de bens móveis ou animais. Tais escolhas linguísticas revelam, portanto, como a linguagem funcionava como instrumento de naturalização da escravidão, apagando a condição humana das pessoas negras e legitimando sua inserção na lógica mercantil.

À luz da perspectiva bakhtiniana, o anúncio deve ser compreendido como um gênero discursivo histórico, atravessado por valores ideológicos que refletem e refratam as condições sociais de produção. Longe de se limitarem a uma função informativa, esses textos materializam a objetificação do corpo negro e contribuem para a manutenção de um imaginário social que sustentava o regime escravista.

3.2.2. DESUMANIZAÇÃO DO CORPO NEGRO

Se, no primeiro conjunto de anúncios, a linguagem operava na lógica da mercantilização direta do corpo negro, descrevendo-o como mercadoria em circulação, no segundo conjunto observamos um deslocamento: o discurso passa a enquadrar a pessoa escravizada como patrimônio suscetível de perda ou recuperação.

Na segunda categoria de análise, reunimos os anúncios que operam pela via da desumanização. Nesses casos, o corpo negro é representado não como objeto de troca mercantil, mas como bem passível de perda ou recuperação, em uma lógica patrimonial. A seguir, o quadro sintetiza os dados mecanismos linguísticos de desumanização

Quadro 2: mecanismos linguísticos de desumanização do corpo negro

Mecanismos Linguísticos de Desumanização	Quantidade	Exemplos
Categoria verbal	03	“ <i>sonegarão hum menino pardo</i> ” (Anúncio 08); “ <i>desapareceo huma negrinha</i> ” (Anúncio 09); “ <i>Quem precisar de uma ama...</i> ” (Anúncio 10)

Construções de impessoalidade	03	“quem o descobrir dando parte...” (Anúncio 08); “quem a apreender...” (Anúncio 09); “quem precisar... direja-se” (Anúncio 10)
Adjetivação	06	“uma cicatriz na cabeça, dedo mínimo da mão direita do menos” (Anúncio 08); “criola, muito preta, olhos grandes, cicatriz no beijo inferior, três nas costas... muitas marcas de sarnas” (Anúncio 09); “ama para cozinhar ou engomar” (Anúncio 10)er

Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos perceber, o quadro 2 organiza as ocorrências em que aparecem construções como *perdeu-se*, *procura-se* e *foge-se*, nas quais a impessoalidade verbal reforça o apagamento da agência do sujeito escravizado. As expressões adjetivas dão ênfase em sinais corporais, vestimentas que fragmentam a identidade e sustenta uma representação do indivíduo reduzido a traços utilitários. Essa categorização evidencia um deslocamento semântico-pragmático que atua na reificação do indivíduo escravizado, transformando-o discursivamente em um objeto passível de perda, procura ou marcação, e, por consequência, reforçando a negação de sua humanidade. Esse deslocamento produz um enquadramento discursivo típico do “extravio” e da “recuperação” de mercadorias ou animais, apagando qualquer dimensão subjetiva e relacional. Ao fazê-lo, o texto naturaliza a ideia de que o corpo negro é parte integrante do patrimônio material, sujeito às mesmas formas de descrição e circulação atribuídas a outros bens. Vejamos o anúncio 08.

(08):

No 1º do corrente na Praça Grãde desta cidade sonegarão hum menino pardo de nome Leonardo, filho de Marcelino dos Santos de Oliveira, morador em terras do Monteiro, cujos signaes são: ter uma cicatriz na cabeça procedida de huma queimadura, e o dedo mínimo da mão direita do menos; quem o descobrir dando parte no Engenho Monteiro ou annunciando-se por este Diario terá grandes Alviçaras. Diário de Pernambuco, 07/11/1825.

O anúncio, publicado em 07 de novembro de 1825, refere-se ao desaparecimento de um menino pardo ainda em idade infantil, tratado discursivamente como um bem passível de apropriação e circulação. A escolha da forma verbal impessoal “sonegarão” desloca a atenção do agente responsável para a “coisa” sonegada, apagando a agência do sujeito envolvido e enquadrando a criança como objeto de transação.

A ênfase em sinais corporais – cicatriz na cabeça e deformidade no dedo – não busca reconhecer a subjetividade da criança, mas assegurar sua identificação como propriedade, como se fosse um objeto único dentro de um inventário. Essa operação discursiva, longe de ser neutra, constitui um mecanismo de reificação que legitima a condição da criança enquanto “patrimônio”, e não enquanto pessoa. Tal perspectiva se alinha ao que defende Almeida (2019), para quem o racismo estrutural se manifesta justamente na capacidade de naturalizar desigualdades por meio de práticas cotidianas e institucionais. No anúncio 09 também observamos as mesmas estratégias discursivas;

(09):

No dia 9 do corrente desapareceu huma negrinha de 10 a 11 annos de idade, de nome Barbara, crioula e com os signaes seguintes: muito preta, olhos grandes, hum cicatriz no beijo inferior, e trez nas costas que parecem de grandes talhos, e nas juntas dos pés, e mãos muitas marcas de sarnas, quem a aprehender, ou souber quem a tem, dirija-se a caza de Joze de Souza Mattes no Páteo de S. Jose n. 662, que receberá generosas alviçaras. Diário de Pernambuco, 24/12/1825. –“

O anúncio refere-se à fuga de Bárbara, uma menina de apenas 10 a 11 anos, cuja descrição detalhada concentra-se em marcas corporais de violência e enfermidades. A referência à cor da pele (“muito preta”), às cicatrizes de cortes nas costas e às marcas de doenças como a sarna evidencia a objetificação extrema do corpo infantil, reduzido a sinais físicos úteis para sua captura e recaptura. A ênfase nesses traços reforça a lógica de identificação patrimonial, como se se tratasse da catalogação de um objeto perdido.

Do ponto de vista linguístico, a formulação verbal “*quem a aprehender*” desloca novamente a agência do processo, ocultando tanto o sofrimento da criança quanto a violência da captura. Para Labov (2008), escolhas linguísticas desse tipo não são casuais, mas refletem padrões enraizados em contextos históricos e sociais, nos quais a língua atua como mecanismo de sustentação de desigualdades.

Essa objetificação de uma criança negra inscrita no anúncio se alinha ao que aponta Almeida (2019) ao discutir o racismo estrutural: a desumanização não se restringe a atos individuais, mas se manifesta em práticas sociais naturalizadas, como os anúncios de fuga, que tornam corriqueira a ideia de crianças escravizadas como propriedade passível de recompensa monetária. A promessa de “*generosas alviçaras*” não apenas incentiva a captura, mas também evidencia a inserção da violência racial em uma lógica econômica cotidiana.

Assim, a análise revela como até mesmo a infância negra era submetida à lógica da mercantilização e da repressão, evidenciando a interseção entre linguagem, violência simbólica e manutenção da ordem escravista.

O anúncio (10), publicado na seção *Avisos Diversos*, oferece os serviços de uma “ama” para funções domésticas específicas — cozinhar e engomar. A formulação sintática (“quem precisar... direja-se”) mantém o apagamento da agência da mulher escravizada, apresentando-a como mero recurso funcional, ajustado às necessidades de “pouca família” ou de um “homem solteiro”. O enunciado evidencia, assim, a naturalização da condição servil, em que o corpo e a força de trabalho da mulher negra eram mobilizados como parte do cotidiano urbano.

(10):

Quem precisar de uma ama para cozinhar, ou engomar em casa de pouca familia ou de homem solteiro: direja-se a travessa da Florentina na casa D. 3. Diário de Pernambuco, 03/06/1840.

Os exemplos dos anúncios analisados até aqui, vai nos mostrando como o gênero opera como instrumento de circulação de ideologias, consolidando o lugar subalterno da mulher negra do corpo negro no espaço doméstico e reforçando representações que a reduzem a um repertório de funções utilitárias.

Nesse ponto, torna-se fundamental trazer a reflexão de Ribeiro (2019), para quem a mulher negra ocupa um espaço de dupla marginalização: racial e de gênero. O anúncio (10) evidencia essa condição ao reduzir a figura feminina à esfera do trabalho reprodutivo, apagando sua subjetividade e reforçando estereótipos que ainda ecoam nas estruturas sociais contemporâneas. Assim, a análise demonstra que esse tipo de anúncio reforçava a percepção de que a mulher negra existia prioritariamente como força de trabalho, sempre à disposição das necessidades alheias, reproduzindo tanto a lógica econômica da escravidão quanto as hierarquias sociais de gênero e raça.

O conjunto desses enunciados revela que a desumanização se constroi de maneira articulada entre dois planos: (i) o plano morfossintático, no qual a escolha por formas verbais impessoais apaga sujeitos e converte ações humanas em eventos econômicos ou patrimoniais; e (ii) o plano semântico-descritivo, que reduz a pessoa a um feixe de marcadores físicos ou funcionais, compatíveis com a lógica de circulação de bens. O gênero textual “anúncio”, com brevidade, opera como suporte privilegiado para a normalização dessa prática, pois incorpora

a captura, a venda e a posse de seres humanos ao funcionamento do mercado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, investigamos anúncios de pessoas escravizadas publicados na imprensa pernambucana entre 1825 e 1845, com o objetivo de compreender como mecanismos linguísticos presentes nesse gênero histórico contribuíram para a mercantilização e desumanização do corpo negro no contexto escravista brasileiro. A partir de uma perspectiva histórica da análise de textos, observamos que a escolha de formas verbais impessoais, a ênfase em atributos físicos e funcionais e a fragmentação da identidade dos indivíduos em sinais de reconhecimento operam como recursos que reforçam hierarquias raciais e legitimam relações de poder assimétricas.

A análise mostrou que, nas categorias identificadas — mercantilização e desumanização —, há padrões recorrentes que articulam forma linguística e função social, de modo que a estruturação sintática e lexical dos anúncios se inscreve em um sistema mais amplo de naturalização da desigualdade. Essa constatação reforça a ideia de que a língua, longe de ser um instrumento neutro, participa ativamente da produção e manutenção de ideologias, refletindo e perpetuando as lógicas de exclusão próprias do racismo estrutural.

Além de evidenciar essas regularidades, a investigação contribui para aproximar a análise linguística de questões históricas e sociais, demonstrando a relevância de se examinar textos como os anúncios aqui estudados não apenas como registros de transações comerciais, mas como documentos que desempenham papel ativo na construção de um imaginário racial hierarquizado. Ao relacionar escolhas formais a práticas discriminatórias, foi possível identificar continuidades entre a linguagem do passado e padrões de representação ainda presentes na contemporaneidade.

Este trabalho procura privilegiar uma leitura e análise linguística de um gênero histórico específico, de modo a contribuir para preencher uma lacuna identificada na produção acadêmica local, que até então se concentrou majoritariamente em abordagens voltadas às tradições discursivas, sem explorar com maior profundidade a correlação entre formas linguísticas e processos de categorização social. Essa opção metodológica permite considerar que a materialidade linguística dos anúncios não seja apenas reflexo de um contexto histórico, mas também parte constitutiva da lógica de poder que o sustentava, configurando-se como um recurso ativo na construção e manutenção de hierarquias raciais. Ao situar a análise na interface entre estrutura linguística, função social e ideologia, este estudo amplia o alcance

interpretativo para além da descrição formal, possibilitando compreender como padrões de uso se consolidam, se naturalizam e se perpetuam no tecido social. Essa perspectiva permite também perceber que a repetição de determinadas formas, ao longo do tempo, contribui para a cristalização de estereótipos e para a legitimação de relações desiguais, não apenas no século XIX, mas também em práticas linguísticas contemporâneas que reproduzem, sob outras roupagens, as mesmas lógicas discriminatórias.

REFERÊNCIAS

Abreu, Antônio. *Linguística cognitiva: uma visão geral e aplicada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

ACERVO CEPE. Disponível em: <https://acervocepe.com.br/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

ABET. Anúncios da época da escravidão mostram por que o Brasil precisa acertar as contas com o passado. Disponível em: <https://abet-trabalho.org.br/anuncios-da-epoca-da-escravidao-mostram-por-que-o-brasil-precisa-acertar-as-contas-com-o-passado/>. Acesso em: 7 ago. 2025.

Almeida, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.

Amantino, Marcia. Os escravos fugitivos em Minas Gerais e os anúncios do jornal “O Universal” – 1825 a 1832. *Locus: Revista de História*, v. 12, n. 2, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20642>. Acesso em: 7 ago. 2025.

Amazônia Latitude. Marcas em anúncio de fuga de escravos no Amazonas no século XIX. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2020/11/06/marcas-anuncio-fuga-escravos-amazonas-xix/>. Acesso em: 1 ago. 2025.

Antunes, Irlandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Ataíde, Cleber; Gomes, Valéria Severina (orgs.). *História dos textos, língua e cultura: abordagens para um ensino interdisciplinar*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2024.

Bagno, Marcos. Português do Brasil: herança colonial e diglossia. *Revista da FAEBA*, Salvador: P&A Gráfica, ano 10, n. 15, p. 37-48, jan./jun. 2001.

Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Bakhtin, Mikhail. A tipologia dos gêneros do discurso. In: Bakhtin, Mikhail. *Estética e teoria da ficção*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Bastos, Ana Karine Pereira. *O léxico dos anúncios de escravos nos jornais do Recife do*

século XIX. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

Bastos, Ana Karine Pereira de Holanda. *Anúncios de escravos: traços de mudanças e permanências de tradições discursivas nos jornais do Recife*. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17830>. Acesso em: 7 ago. 2025.

BDOR/UFRJ. O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/419/1/370%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2025.

Confluência. Os modos de falar do escravo nos anúncios de jornal. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/1065/827>. Acesso em: 3 ago. 2025.

Dias, Elaine Cristina Jorge. *Retrato falado: o perfil dos escravos nos anúncios de jornais da Paraíba (1850-1888)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

Encontros de Vista/UFRPE. Marcas da oralidade da tradição discursiva “anúncios de fuga de escravos” dos jornais do Recife do século XIX. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4638>. Acesso em: 4 ago. 2025.

El País. Brasil. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/25/cultura/1529917947_118147.html. Acesso em: 7 jun. 2025.

Geledés. Anúncios de escravos: os classificados da época. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/anuncios-de-escravos-os-classificados-da-epoca/>. Acesso em: 9 jul. 2025.

Gomes, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

Inácio, A. M. *Práticas discursivas e práticas sociais nas Minas oitocentistas: um estudo de anúncios publicitários e da memória sociodiscursiva de Ouro Preto e Mariana*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2012.

Marcuschi, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Munanga, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nooes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2025.

Pessoa, M. B. (org.). Os escravizados nos anúncios do *Diário de Pernambuco*: fugas, lutas e resistências, Recife 1830-1839. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1248>. Acesso em: 7 ago. 2025.

Pessoa, M. B. (org.). *Língua, textos e história: manuscritos e impressos na história do português brasileiro*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

Ribeiro, Djamila. *Hoje pretendo voltar sozinha para casa*. São Paulo: VeBook, 2019.

Revista História UEG. Escravidão e resistência no Maranhão: anúncios e fugas escravas no século XIX. Disponível em: <https://www.revistas.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/1234>. Acesso em: 9 ago. 2025.

Silva, X. S. *O gênero textual cartão postal publicitário: um estudo da transmutação*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.